

**"Elas ensinam a gente":
como e porque pensar
a amizade nas experiências
travestis**

**"They teach us":
how and why think about the
friendship in travestites
experiences**

Rafael França Gonçalves dos Santos

Doutorando em História - PPGH/UFRRJ

rafael.fgs@hotmail.com

Resumo: A ideia deste escrito é apresentar as reflexões iniciais de uma pesquisa em curso sobre a amizade e as experiências travestis em Campos dos Goytacazes, cidade localizada no norte fluminense. Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, é um desdobramento da investigação iniciada no mestrado, na qual problematizei a experiência de travestis nos circuitos da prostituição de rua nesta mesma cidade. Tanto no *sensu comum*, como em muitos trabalhos acadêmicos, a imagem das travestis é habitualmente ligada à prostituição e aos processos de violência e marginalização. Esta constatação foi um dos disparadores que me fizeram questionar sobre outras dimensões que envolvem as experiências travestis. Um elemento muito presente nas falas delas foi a presença das amigas; a partir disso me propus a indagar sobre a importância das amizades nos processos de subjetivação, pois acredito que isto pode evidenciar, de forma problematizadora, uma histórica possibilidade de invenção de si, da constituição de modos de existência que não estejam limitados ao enquadramento no repertório exclusivo da marginalidade e dissidência. Desse modo, penso ser possível contribuir para a superação da visão que comumente vitimiza e execra as travestis. Uma análise histórica que visibilize as experiências constituídas nas e pelas relações de amizade, que constituem e dão sentido às travestis e às travestilidades, põe em relevo a formação de um tecido afetivo que permite e potencializa a continuação das diversas formas de vida, pode contribuir para outros olhares sobre elas, talvez menos estigmatizadores e vitimistas.

Palavras-chave: experiência travesti, amizade, história, gênero.

Abstract: The idea of this writing is to present the initial reflections of an ongoing research on friendship and transvestites experience in Campos dos Goytacazes, a city located in northern Rio de Janeiro. Developed in the Program of Pos-Graduate Studies in the History of Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, is an outgrowth of research begun in the Masters, where think about the experience of transvestites in street prostitution circuits in this city. Both common sense, as in many scholarly works, the image of transvestites is usually linked to prostitution, violence and marginalization processes. This finding was one of the triggers that made me wonder about other dimensions involving transvestites experiences. A very present in their speeches element was the presence of friends; from that set out to inquire about the importance of friendships in subjective processes, because I believe that this may disclose in a problematical way, a historic opportunity to inventing itself, the formation of modes of existence that are not limited to the framework in the repertoire exclusive marginality and dissent. Thus, I think it can contribute to overcoming the vision that often victimizes and decries the transvestites. A historical analysis visibilize the experiences made in and by the friendly relations that constitute and give meaning to transvestites and travestilidades, highlights the formation of an affective fabric that allows and empowers the continuation of the various forms of life, can contribute to other looks on them, maybe less stigmatizing and vitimistas.

Keywords: transvestite experience, friendship, history, gender.

Aproximações

Compreendo a amizade como um conjunto de experiências históricas que contribui para e constitui a formação dos sujeitos. Estas experiências moldam, transformam e formam as percepções sobre a realidade e indicam como cada um se posiciona frente à vida. Torna-se, portanto, relevante considerar o papel das amizades nos processos de subjetivação, na criação histórica, social e cultural de subjetividades.

A partir das problematizações suscitadas por Foucault, a subjetividade ganhou uma nova extensão compreensiva, ou seja, passou de um conceito estrito dos conhecimentos Psi, para compor as redes reflexivas do campo historiográfico. O pensador francês propõe a utilização deste conceito para compreender os processos de subjetivação, a produção de subjetividades e a formação dos sujeitos. Com isso, considera-se a subjetividade para além do individual, como uma elaboração coletiva, que é realizada de forma complexa em determinado lócus espaço-temporal.

É por meio dessa extensão e compreensão da subjetividade que se pode verificar a constituição histórica dos sujeitos, das formas sujeito. A subjetividade integra uma rede de reflexão que envolve, ainda, noções como: modos de subjetivação, assujeitamento, sujeição; enfim, há um pequeno repertório teórico mobilizado para problematizar as históricas formas de constituição dos sujeitos.

É Fischer, ainda, quem apresenta com precisão a pertinência dessa definição desenvolvida por Foucault para utilizar a noção de subjetividade:

Obviamente, não estamos aqui falando em um sujeito psicológico, nem entendendo subjetivação e subjetividade como processos ou estados 'da alma', da experiência única e individual de cada pessoa, o que certamente existe, é legítimo considerar e está em jogo nessas considerações. Mas é preciso que se diga que as concepções foucaultianas de sujeito do discurso e de subjetividade têm uma abrangência muito específica. Assim, o termo 'subjetividade', segundo o autor, refere-se ao modo pelo qual 'o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo, ou seja, o modo – as práticas, as técnicas, os exercícios, num determinado campo institucional e numa determinada formação social – pelo qual ele se observa e se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade. (Fischer, 2012: 54)

É neste sentido que se pretende empreender uma análise inicial sobre um grupo ainda marcado pela estigmatização e preconceito: o das travestis.

Um das formas de superar a visão que comumente vitimiza e execra as travestis, é apresentar outros elementos que compõem esta vivência; um desses elementos são as relações de amizade, que constituem e dão sentido às travestis e às travestilidades, ponderando que as relações de amizade formam o *tecido afetivo* que permite a continuação da vida (ver Rosa, 2013).

O exercício de perceber a amizade sob um viés histórico não é novidade na historiografia, embora não seja comum. Além das problematizações apresentadas por Francisco Ortega nas três obras já publicadas (Ortega, 1999; 2002; 2009), em sua pesquisa sobre a relação de Mário de Andrade com três mulheres amigas a historiadora Marilda Ionta (2007) demonstra como a amizade, dos gregos aos dias atuais, sofreu alterações significativas, tanto nas formas como foram desenvolvidas, quanto no significado atribuído aos amigos e amigas. Este exercício feito por Ionta contribui para a compreensão de que a amizade possui uma historicidade e não pode ser limitada à noção de fraternidade.

Além de Marilda Ionta, Margareth Rago (2013) e Susel Oliveira da Rosa (2013) tematizaram as experiências da amizade, a partir de uma abordagem histórica, demonstrando a maneira como, em períodos distintos no século XX, alguns sujeitos se constituíram, criaram formas de tornar o mundo habitável, articularam estratégias de sobrevivência em contextos de tensão, perversidade e inquietude emocional, a partir e por meio das relações de amizade.

No campo da sociologia merece destaque a pesquisa de Cláudia Barcellos Rezende, *Os significados da amizade* (2002). A autora problematiza como a amizade integra os dispositivos de interação social em dois espaços distintos: Rio de Janeiro e Londres, destacando o papel da amizade para se pensar sobre a constituição dos sujeitos. Com isto Rezende apresenta os vários significados da amizade atribuídos pelos interlocutores, indicando a possibilidade de relações mais íntimas ou superficiais, e processos de negociação e conflitos enquanto repertórios que compõem este universo de amigos e amigas.

É relevante destacar que as análises apresentadas a seguir terão um caráter mais propositivo do que de análise empírica propriamente dita, ou seja, buscarei demonstrar

como e porque é possível, e produtivo, problematizar as experiências travestis a partir das relações de amizade. Para tanto privilegiar-se-á uma discussão com autores e autoras que subsidiam uma leitura crítica da amizade e indicam as potencialidades de uma pesquisa neste campo para a compreensão das relações humanas na atualidade.

Um tema que tem história

Falar da amizade é algo que provoca e convida a refletir sobre uma possibilidade de repensar as relações humanas, e conferir a elas uma historicidade que pode se perder quando tudo parece ser *muito natural e óbvio*.

As historiadoras Margareth Rago e Susel da Rosa fizeram pesquisas em que a temática da amizade integrava os processos de construção da subjetividade de mulheres que viveram no Brasil à época da Ditadura Militar, sublinhando a hostilidade, medos e torturas como elementos que integraram a experiências dessas mulheres no período. Penso ser possível aproximar o cenário histórico descrito por Rago (2013) e Rosa (2013) com a realidade hostil (temperada por violências) vivida por muitas travestis de Campos dos Goytacazes nos últimos anos¹:

E fui pra capital (Vitória), com 13 anos, me prostituir. Porque meu pai não aceitava, me agredia muito. Então, pra não ser agredida, eu saí de casa, com 13 anos. E a forma de ganhar dinheiro que eu vi no momento, foi me prostituir. Aí eu optei... me prostituir até hoje. (...) Foi, porque meu pai não aceitava, entendeu? Ele não aceitava de jeito nenhum. Ele não aceitava ter um filho homossexual, muito menos travesti. E me agredia muito. E eu era muito nova, então eu optei em sair de casa. (Tayla, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011)

E por, às vezes tá em rodinha em festa, eu ía com os meus amigos, mas chegava lá e ficava sozinha; a gente estava no meio de todo mundo assim, quando eu chegava, estava eles ali, quando eu chegava aquela rodinha se espalhava, só ficava eu naquele lugar que eu cheguei, eles sumia tudo! Oh..eu me sentia muito triste; às vezes ia à festa.. Eu ficava pelos cantos chorando. Eu não tinha amigos, não tinha ninguém; e ainda eu morava lá no ES. (Tábata, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011)

Essa sorte de agressões, rejeições e hostilidades sofridas pelas travestis são comuns nas falas delas, e em geral aparecem ligadas ao rompimento da ordem

heteronormativa. Apesar do necessário cuidado histórico no que diz respeito à contextualização, posso perceber que o regime heteronormativo atual, submete, enquadra, tortura e tenta eliminar aqueles e aquelas que não estão na norma. Não é simplesmente uma reivindicação da heterossexualidade,

A heteronormatividade não é uma norma hetero que regula e descreve um tipo de orientação sexual. Trata-se, segundo Lawren Berlant e Michael Warner, de um conjunto de 'instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem não só que a heterossexualidade pareça coerente, isto é, organizada como sexualidade – como também que seja privilegiada'. (Pelúcio, 2009: 30)

Na hierarquia formada no universo das homossexualidades, que é sintetizado pela sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), o T (travestis e transexuais) ainda representa as identidades mais marginalizadas.

A partir disso e percebendo que elas têm reivindicado cada vez mais visibilidade, imagino que as estratégias do regime heteronormativo não são irrefutáveis; há possibilidade de rupturas, fissuras, negociações. E parece ser justamente este o movimento feito por algumas travestis. Como o cenário é hostil, uma das estratégias é a criação de um *tecido afetivo* que torne as vivências possíveis, e vejo que este tecido é composto pelas relações de amizade. Pois, como destaca a historiadora Rosa, “a força revolucionária do desejo nos permite escapar das malhas do poder, e que talvez, na ponta menos visível da experiência, novos sopros e ventos nos esperam, energias capazes de arejar e potencializar o presente, impulsionando-nos positivamente” (Rago *apud* Rosa, 2013: 16).

É a partir de algumas dessas considerações que proponho ser possível analisar como em Campos dos Goytacazes (RJ), nos últimos vinte anos², as travestis, percebidas e classificadas como sujeitos que vivem uma experiência de gênero em descompasso com o regime heteronormativo, elaboram, vivem e se constroem por meio de e nas relações de amizade.

Dito de outra maneira, é a partir do jogo entre a construção de si (Foucault, 1985) e amizade que procuro indagar, analisar e mapear as experiências que permitem com que indivíduos sejam vistos, percebidos, nomeados e identificados como travestis; compreendendo que estas experiências travestis, constituídas nas e pelas relações de

de amizade possibilitam a formação de um modo de vida pois,

A amizade supera, para Foucault, a dicotomia tradicional eros/philia e traz consigo a possibilidade de construir uma forma de vida a partir de uma escolha sexual (e de gênero). Especialmente os homossexuais possuem uma oportunidade histórica de utilizar a sexualidade para criar novas formas de comunidade. (Ortega, 1999: 171)

Neste sentido, é válido verticalizar a reflexão sobre esta noção de comunidade, pois é partir desses laços que nos constituímos; são laços afetivos, políticos que dizem respeito “a quem somos e podemos ser” (Rajchman, 1993: 117). Ora, todo esse movimento se liga, pois, à ideia das experiências, que são datadas, singulares e múltiplas.

Scott (1998) em *A invisibilidade da experiência*, indicou que a experiência não deve servir como uma evidência para ilustrar a diferença (de sexo, gênero ou sexualidade), pois “não são indivíduos que têm experiências, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência.” (Scott, 1998: 304). O potencial produtivo e questionador da experiência encontra-se no momento em que ela é usada como possibilidade de exploração do processo de construção das próprias diferenças e, portanto, no estabelecimento do que será compreendido como normal ou abjeto.

Esta proposta está em sintonia com as reflexões feitas por Michel Foucault (1997) no curso oferecido no Collège de France em 1981-1982, sobre subjetividade e verdade, quando define que as “técnicas de si” são “os procedimentos que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (Foucault, 1997: 109).

Por isso é possível pensar nas travestis a partir de um conjunto de experiências históricas que subjazem esta vivência. Deste ponto, considero que não há o *sujeito travesti*, tomado como ponto de partida, mas um conjunto plural de experiências sociais, culturais e históricas que delineiam e dão sentido às subjetividades ditas travestis; e estas correspondem a indivíduos identificados biologicamente como homens (XY), mas cujas performances históricas de gênero (Butler, 2003) são femininas.

Trata-se, nessa referência, de perceber que as subjetividades são históricas e

“Elas ensinam a gente”:
como e porque pensar a amizade nas experiências travestis

não naturais, que os sujeitos estão nos pontos de chegada e não de partida como acreditávamos então; e ainda, que as conexões podem ser estabelecidas entre campos, áreas, dimensões sem necessidade exterior pré-determinada. (Rago, 1998: 91)

Esta não naturalização da identidade pode ser corroborada por falas como a de Tayla e Tamara, que reivindicam a transitoriedade de tal vivência:

Eu, sabe?!, gosto de ser travesti, mas mudar de sexo, eu não tenho, não teria coragem não; não tenho vontade, entendeu?! Eu não tenho vontade de ser mulher. Eu quero sim, me sentir igual mulher, ter corpo de mulher, mas não ser mulher. Eu gosto de ser travesti; por mais que eu não use o meu órgão genital masculino, mas eu não tenho vontade de tirar. Eu num sei, um dia eu posso me arrepender, mudar de vida, entrar para uma igreja; eu não sei o meu futuro, entendeu?! Só Deus sabe! (Tayla, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011)

Como eu te falei, travesti é uma coisa... é uma... uma carreira! Um dia você tá no auge, um dia você tá embaixo. É tipo sucesso; você tem sucesso hoje, todo mundo te quer; quando seu sucesso acabar, ninguém te procura. Eu num acho. Acho que travesti não é pra sempre! Travesti não... nunca é pra sempre. (Társila, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011)

As amizades estabelecidas nas experiências travestis podem demonstrar a elaboração de subjetividades, mesmo quando as instituições tradicionais (como a família, a igreja e a escola) repelem a possibilidade de experiências desses e para esses sujeitos. Neste sentido, a vasta literatura sociológica e antropológica, bem como as contribuições da filosofia, servirá para problematizar os aspectos públicos e privados que integram estas amizades-travestis, evidenciando a publicização de relações constituídas, muitas vezes, como privadas. Teriam estas relações um potencial de subversão da ordem público-privado? Podem as amizades-travestis contribuir para outras compreensões da dinâmica de relações privadas vividas na cena pública? Estas são algumas questões suscitadas a partir da análise das relações de amizade nas experiências travestis.

As relações de amizade podem ganhar ainda mais destaque quando se nota que no processo do *fazer-se travesti* o silenciamento faz parte de um *acordo* que pode garantir a permanência no grupo familiar, escolar ou religioso. Pois, como demonstrado por Eribon, “no começo, há a injúria” que “me faz saber que sou alguém que não é como os outros, que não está na norma. Alguém que é *viado* [*queer*]: estranho, bizarro, doente.” (Eribon, 2008: 28).

O silêncio sobre si é uma forma de (de)limitar as experiências do sujeito. Neste contexto as relações de amizade podem funcionar como um dispositivo para a construção da subjetividade. Penso ser imprescindível o estabelecimento destes vínculos, pois o falar de si, sobre si e sobre as experiências vividas é fundamental para a reelaboração de sua própria consciência. “Pois hoje, como ontem, o círculo de amigos está no centro das vidas *gays*, e o percurso psicológico (e, com frequência geográfica) do homossexual marca uma evolução da solidão para a socialização em e pelos lugares de encontro (sejam os bares ou os parques)” (Eribon, 2008: 39).

A já clássica pesquisa de Carmem Dora Guimarães, *O homossexual visto por entendidos* (2004), dá uma dimensão da formação de uma rede entre os homossexuais, e de que maneira esta rede é fundamental para sua constituição identitária no processo de rompimento com a condição única de estigmatizado. Segundo a autora: “O indivíduo de identidade homossexual estabelece, na descoberta de outros semelhantes, uma ruptura com a condição de estigmatizado” (Guimarães, 2004: 55).

Na medida em que a travestilidade ainda é tomada como um conjunto de experiências dissidentes, transgressoras ou desviantes, os espaços de fala tornam-se limitados, reservados, muitas vezes, aos círculos de amigas, aos grupos fechados e, ainda, às interações em ambientes virtuais. Desta maneira, as estratégias construídas por estes sujeitos para o estabelecimento desses vínculos, bem como as particularidades que perpassam as amizades constituídas, indicam a formação histórica de um *modo de vida* travesti (Foucault, s/d), pois é a partir do contato com outras travestis que se começa o processo de *montagem de si*, ou seja, passa-se da condição de *gay* ou *viadinho*, para a elaboração de uma feminilidade que possa ser socialmente reconhecida, tanto por outras travestis quanto pelo restante da sociedade na qual ela está inserida.

Considerando a “cultura de si” (Foucault, 1985) como uma prática social e histórica, portanto, política, é importante o falar de si, ver e ouvir o outro. As experiências travestis relatadas nas entrevistas feitas para a dissertação de mestrado indicaram a figura das amigas como aquelas que “ensinam a gente” a ser o que somos. Foram recorrentes as falas em que a amiga era acionada para representar acolhida, contato e potência no movimento de *fazer-se* travesti³. Este processo geralmente foi descrito em algumas etapas. Em geral o acesso à *pista* era o início:

“Elas ensinam a gente”:
como e porque pensar a amizade nas experiências travestis

Ah, sei lá, foi a única opção que eu tive, assim no momento; **foi onde eu tive acolhimento das pessoas**, né?! Queria ser o que eu queria ser; queria vestir roupa de mulher, queria ser travesti... e **fui acolhida aqui na rua**. (Tayla, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011. Destaques do autor).

E continuava com as transformações que seriam feitas no corpo. Também neste momento a amiga era peça-chave, fosse como inspiração, ou aquela que orienta e indica a pessoa para fazer aplicações de silicone e/ou hormônios:

Ah, o silicone? É que eu peguei... **tinha uma amiga minha que tinha um corpão de silicone**, aí eu peguei: “Ah, eu também quero botar!”, entendeu? Aí eu fui e botei. Aí eu resolvi botar o silicone. (Tamara, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011)

Porque as bicha fala... **olha mona, pra apricar dói**... mas se eu quero, uma coisa que eu quero fazer, então eu tenho que sentir a dor. (Tânia, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011)

Uma **amiga minha** que eu conheci lá em Macaé, Kênia; aí, ela que aplicava hormônio em mim. Ela falava comigo, que **ela era mais velha**, né?!, ela era travesti há muito tempo; aí, ela que falou comigo, pra tomar hormônio. (Tamires, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011. Destaques do autor).

Por fim, percebi que a amiga ou amigo aparecia como aquela/e que criava uma logística para a concretização da vontade de se fazer travesti:

Deixa eu explicar uma coisa pra você: eu moro com a minha família no Parque X, tá?, e **aqui é minha casa com um amigo**... a vida de Tiffany é complicada, tá? Rs. Minha mãe não me... não é dizer que ela não me aceita, o negócio é que ela não sabe que eu me monto, uma série de coisas, então, eu tive que fazer o que?, pra não contrariar, que eu sei que vai ter uma negativa do lado dela, eu tive que .. **eu morei sempre com um amigo meu**.. que eu tenho meu quarto com minhas coisas de mulher, eu me monto.. volto de manhã pra casa e passo batido, entendeu?! (Tiffany, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011. Destaques do autor).

Estas poucas falas demonstram o quanto o outro, nomeado de amigo, tornava-se figura fundamental no processo de constituição de si.

Corroborando este pensamento, a historiadora Marilda Ionta, em *As cores da amizade* (2007), verificou esses processos intersubjetivos analisando a escrita epistolar estabelecida entre Mário de Andrade e três mulheres amigas (Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga e Henriqueta Lisboa) entre os anos de 1920 e 1945, percebendo e construindo leituras sobre as colorações e tonalidades da amizade entre ele e suas amigas. Por meio deste exercício analítico, Ionta conseguiu problematizar os sentidos e formas tomados pela amizade. Para além da dimensão claramente afetiva que perpassou

a troca epistolar, problematizou-se as tensões, medos, expectativas e interesses presentes, apresentando o momento histórico e os lugares de fala dos personagens envolvidos nesta história (re) criada pela pesquisadora.

Esta análise do contexto brasileiro das décadas de 1920 e 1930, permitiu com que Ionta identificasse que “as instituições como o lar, a família nuclear burguesa e o casamento se encontram abalados por todos os lados, temos sido incapazes de formar outros elos afetivos que possam contribuir para que façamos da vida aquilo que queremos e não reprodução do que querem para nós.” (Ionta, 2007: 20). Mesmo após 90 anos, parece que esta constatação ainda permanece atual, e cada vez mais há rearranjos familiares não convencionais, ao mesmo tempo, a amizade figura como um histórico dispositivo capaz de dar significado e sentido à vida.

Uma das interlocutoras da pesquisa da historiadora Susel Oliveira da Rosa, a militante Nilce Cardoso, destacou o valor da amizade como estratégia de sobrevivência frente à realidade de prisões e torturas que enfrentava. Conforme Foucault, é esta relevância política da amizade que permite considerá-la como parte do processo da cultura de si, vista como uma prática social e não como uma prática individualista, egoísta (Foucault, 1985: 43-73).

Por que a amizade?

É possível criar novas formas de existência produtoras de uma intensidade e de um prazer especiais. (Ortega, 1999: 172)

Falar e pensar sobre as questões que envolvem sexo, gênero e sexualidade no campo historiográfico não é uma tarefa muito comum, principalmente quando se propõe uma reflexão sobre um grupo social como as travestis. A maior parte das pesquisas de destaque que elegem como interlocutores estes sujeitos e suas realidades vividas foi desenvolvida na Sociologia e na Antropologia, e privilegiou as experiências travestis nos universos da prostituição (Benedetti, 2005; Kulick, 2009; Pelúcio, 2009; Silva, 2009). Durante o levantamento bibliográfico, identifiquei apenas uma pesquisa desenvolvida no campo da história, *Metamorfose encarnada: travestimento em Londrina (1970-1980)*, de José Carlos de Araújo Jr., embora possa haver algumas outras não disponibilizadas ao público ou que estejam em curso. E, das pesquisas nos diversos

campos do saber, destaco o trabalho de Rita Martins Godoy Rocha, que resultou na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, em 2011. De todas as pesquisas que abordavam as experiências travestis, a de Rita Rocha foi a única que privilegiou as relações de amizade entre um grupo de travestis de Uberlândia.

Considerando a ideia de que a travestilidade é formada a partir de um conjunto amplo de experiências históricas, é possível *historicizar* estas práticas e assim “tornar histórico o que fora escondido da história” (Scott, 1998: 297-299). Este exercício possibilita com que práticas, sujeitos e formas de vínculos afetivos, por muito tempo tidos como marginais, possam habitar o terreno da história registrada, e assim aspirar a espaços de legitimidade.

Da *cafetinação* nos espaços de prostituição ao *amadrinhamento*⁴ (Pelúcio, 2009) durante a montagem corporal, as travestis elaboram estas trocas recíprocas, valendo-se de dinheiro, confiança, afetos, enfim, das relações de amizade. Assim “o cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece então como uma intensificação das relações sociais.” (Foucault, 1985: 58-59)

Esses processos históricos são, e modelam, por meio das experiências individuais e coletivas, como serão percebidas as existências, inscritas no e pelo tempo. Essas vidas são escritas, rabiscadas e coloridas com as canetas e lápis do saber, sob os exercícios de poder e nas tonalidades dos governos e das governamentalidades, que gestam, organizam e fazem existir sujeitos normais e abjetos.

A arte de governar (Foucault, 2005 e 2010) os seres humanos tem como um de seus pilares a heterossexualidade, fundamento da heteronormatividade. Mais do que um simples dado biológico ou cultural, o sexo e a sexualidade são dispositivos por meio dos quais as experiências são classificadas, nomeadas e, ainda, definidas enquanto legítimas ou não.

Percebo as experiências travestis como a prática e o exercício de resistência à heteronormatividade, ainda que possam ser legitimadoras de certos signos da normatização (Benedetti, 2005). Apesar disso, e justamente por considerar essas reiteraões da norma, julgo importante pensarmos de forma problematizada sobre os

mecanismos acionados na construção das subjetividades travestis. Neste sentido, cabe perguntar: Como e por que pode ser tão difícil elaborar experiências que escapem da heteronormatividade? Como são percebidos os efeitos dessa resistência, e de que maneira eles são reapropriados para a composição de um projeto de existência considerado dissidente? Que elementos estão envolvidos neste processo de resistência? Se as relações de amizade formam um tecido afetivo que ajuda, incentiva e incita outros sujeitos a buscarem estas experiências travestis, de que forma isto ocorre?

Essas perguntas não são possibilitadas por uma vontade de buscar as origens e chegar à verdadeira e original experiência travesti, pelo contrário, o que me mobiliza para estas indagações é a tentativa de perceber de que forma as experiências narradas pelas travestis compõem, articulam e justificam a construção de vivências de sujeitos que caminham à margem da norma e negociam a todo instante com os elementos do sistema normativo, inventam e constroem históricas formas de ser e de viver, não esquecendo que tais modos de existência são datados, produtos de relações sociais e temporais. Os medos, anseios, dúvidas, intrigas, sonhos, vontades, desejos são históricos, integram as experiências travestis e podem ser mapeados a partir das relações de amizade por elas estabelecidas.

A amizade deve ser, então, este cenário interativo (in) tenso de formação de realidades subjetivas. Para Ortega (1999), o (a) amigo (a) oferece um triplo apoio: emocional, cognitivo e material. Estes elementos são fundamentais, uma forma de fortalecimento coletivo e simbólico, em uma sociedade individualizada. Neste sentido, proponho que nas experiências travestis, a/o amiga/o pode também figurar em mais uma posição: referência de existência, ou seja, uma alternativa ao modelo estabelecido em praticamente todos os espaços de socialização, que são ordenados na díade homem-mulher, masculino-feminino.

Nas experiências travestis o papel da amizade, tomada enquanto um dispositivo histórico, pode ser ainda mais preponderante, na medida em que, segundo elas são as amigas que oferecem as primeiras informações, dicas e orientações gerais sobre o processo de fazer-se travesti. Neste sentido cabe destacar que em *Além do Carnaval*, Green (2000) demonstra que em outros momentos históricos, do final do século XIX e ao longo do XX, no Brasil, as relações de amizade ocuparam um lugar de destaque na experiência da travestilidade.

Assim, não é que eu quis virar travesti, já foi o instinto que veio dentro de mim, me fez virar travesti. Instinto é: eu tenho umas amigas, que no começo da minha carreira, que ela... (que é uma carreira, travesti é uma carreira, um dia você tá no auge, no outro dia você tá no chão, na amargura!) Então, é... eu tinha umas amigas travestis, e quando eu comecei eu era uma bichinha boy; bicha-boy é o que?!, é aquela bicha que se veste de homem; então, quando eu saía com elas a noite, os homens só queria as travestis, então aquilo foi me formando uma coisa na minha cabeça que eu tinha que virar, que virar, que virar, que virei... já com 17 anos., por causa do hormônio, o hormônio te ajuda muito! (Társila, entrevista em Campos dos Goytacazes, 2011).

Alguns diálogos importantes

Abordar as experiências travestis em sua historicidade indica que pensamos sobre os (des) caminhos do gênero, algo já bastante estudado atualmente. Uma das autoras que têm contribuído substancialmente para estas reflexões é Judith Butler, que apresenta o gênero como “uma atividade ou devir” e não “como coisa substantiva ou marcador cultural estático.” (Butler, 2003: 163). Ninguém nasce com um gênero pronto, dado pela natureza; menos ainda ele pode ser considerado como a expressão de uma essência que se encontra guardada no âmago dos sujeitos. Pelo contrário, sua construção se dá diariamente; os gêneros são construídos historicamente em relações cotidianas.

Butler define este movimento como uma performance, ou seja, uma prática reiterativa e citacional que é responsável pela materialização do sexo no corpo dos sujeitos, produzindo-os no interior da inteligibilidade cultural calcada no imperativo heterossexual. “Portanto, como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas” (Butler, 2003: 199), que indica aos sujeitos o papel social que devem assumir a partir de sua materialidade corporal, identificada como masculina ou feminina, de acordo com a genitália neles identificada. Assim, percebida como uma estratégia política de gestão dos sujeitos, “a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito.” (Butler, 2003: 200).

Neste caminho é imprescindível um diálogo com Michel Foucault e os (as) autores (as) que trilharam caminhos semelhantes a ele, para pensar nas relações de

amizade como possibilidade de construção de subjetividades. E subjetividades singulares que elaboram, em determinadas coletividades, modos de vida e estéticas de existências que questionam e resistem às normatizações impostas pelo regime de verdade instituído. Em *Da amizade como modo de vida*, Foucault (s/d) ofereceu algumas pistas para pensar com densidade sobre como estas experiências podem caracterizar a vida de sujeitos homossexuais.

Em um período em que o corpo é aclamado como âncora fundamental do estabelecimento identitário, às vezes nós nos esquecemos de que “o corpo é inconstante, que suas necessidades e desejos mudam” (Louro, 2010: 14). É preciso pensar que a identidade pode ser elaborada a partir da fluidez do corpo, do corpo-trânsito; justamente a desconstrução de corpo e suas reconstruções diversificadas é que podem sustentar as políticas, discursos e movimentos de identidade, bem como os processos de subjetivação. Neste fluxo sem fim entre corpo, identidade e a construção de uma estética da existência, “cada indivíduo deve formar sua própria ética; (e) a ética da amizade prepara o caminho para a criação de formas de vida, sem prescrever um modo de existência como correto.” (Ortega, 1999: 167). Então, é possível e preciso se fazer existir a partir de e por meio do corpo? Da performance de gênero? E do sexo (re) feito? Precisamos pensar sobre como e por que as experiências travestis ensejam práticas de si transgressoras e normatizadoras, e considerar os efeitos das relações de amizade na construção das práticas de si. Destaca-se que “uma concepção de amizade como a foucaultiana contradiz a ideia comum na sociologia e na filosofia social de que a amizade representa uma relação voluntária baseada na transparência da comunicação e verdade da informação. Desigualdade, hierarquia e rupturas são componentes importantes da amizade.” (Ortega, 1999: 168).

Finalizar sem concluir

A proposta apresentada é parte de um esforço acadêmico e político por trabalhar com um grupo de sujeitos historicamente silenciado, as travestis, e sobre o qual se fala com um distanciamento frio e cauteloso. Pensar as relações de amizade entre elas impõe, também, um duplo desafio: no sentido de humanizar e historicizar as experiências vividas, e problematizar os sentidos atribuídos a esta relação, bem como o lugar que ela ocupa nos processos de subjetivação. Pois, como escreveu Foucault:

Um delinquente arrisca a sua vida contra castigos abusivos; um louco não

suporta mais estar preso e decaído; um povo recusa o regime que o oprime. Isso não torna o primeiro inocente, não cura o outro e não garante ao terceiro os dias prometidos. Ninguém, aliás, é obrigado a ser solidário a eles. Ninguém é obrigado a achar que aquelas vozes confusas contam melhor do que outras e falam a essência do verdadeiro. Basta que elas existam e que tenham contra elas tudo o que se obstina em fazê-las calar, para que faça sentido escutá-las e buscar o que elas querem dizer. Questão moral? Talvez. Questão de realidade, certamente. Todas as desilusões da história de nada valem; é por existirem tais vozes que o tempo dos homens não têm a forma de evolução, mas justamente a da história. (2006: 80)

É justamente por isso que as experiências que constituem e possibilitam subjetividades travestis precisam ser registradas, apresentadas e analisadas no campo historiográfico. Não pretendo, com isso, “colaborar com o processo de captura de singularidades” (Hara, 2009) e sua vitimização, mas destacar, visibilizar e oxigenar práticas e experiências que constituem sujeitos que, com leveza e alegria, ensinam verdadeiras guerras cotidianas.

Há, ainda, um esforço cuidadoso em tomar a amizade como um conjunto de experiências cujos múltiplos significados nas sociedades atuais remetem a uma possibilidade de considerar as relações humanas para além dos projetos normativos de enquadramento das formas de vida.

Como sugere Francisco Ortega, talvez seja possível que a amizade nos dias atuais seja o caminho para recriar as relações humanas, em um tempo em que as formas tradicionais, como a família, já não consigam acolher a profusão de formas, conexões e laços estabelecidos. Investigar esta potência política da amizade pode contribuir para repensarmos os caminhos atuais do público e do privado, bem como do político.

Notas

1. As análises apresentadas neste artigo são realizadas a partir de uma pesquisa feita entre janeiro de 2010 e junho de 2012, e correspondente ao mestrado em Sociologia Política cursado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Foi a partir de uma incursão etnográfica e de 16 entrevistas com travestis que atuavam nas ruas de prostituição no centro da cidade que comecei a delimitar esta nova pesquisa que lhes apresento preliminarmente. Destaco, portanto, o caráter exploratório e propositivo das considerações ora apresentadas, de modo que eventuais lacunas sejam compreendidas como constituintes deste momento da pesquisa.
2. A escolha por este recorte temporal justifica-se pelo acesso às interlocutoras da pesquisa, cuja faixa etária tem variado dos 18 aos 48 anos, e também porque este período corresponde ao

- tempo em que as travestis tiveram maior visibilidade na cidade, seja ao ocuparem cargos públicos, seja pela presença no Teatro Municipal (o Trianon – na entrega do prêmio jornalístico “Nossa Gente É Um Talento”, feita por Shana Carla) e nas páginas dos principais jornais da cidade – em notícias policiais ou para ilustrar a realização das Paradas do Orgulho LGBT.
- Embora neste momento a amizade apareça relacionada a adjetivos positivos, não desconsidero a presença de conflitos, tensões e rupturas, que talvez sejam mais constantes do que o repertório romantizado ao qual parece estar ligada a amizade. No entanto escolhi apresentar pontualmente os aspectos positivados da amizade para demonstrar como ela contribui para a vivência das experiências travestis. Em outro momento darei espaço às intrigas, desafetos e rompimentos que também são parte constitutiva das relações de amizade.
 - É o expediente utilizado por uma travesti mais experiente para auxiliar uma iniciante, ensinando as artes e manhas dos territórios sócio-corporais. Esse processo de amadrinhamento também é reconhecido entre grupos de *drag-queens* e transformistas, e garante a organização do grupo em divisões hierárquicas

Referências bibliográficas

ARAÚJO Jr, Jose Carlos de. **A metamorfose encarnada**: travestimento em Londrina (1970-1980). UNICAMP, Campinas – SP, 2006. (Dissertação de mestrado – PPGH)

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. É inútil revoltar-se? In: **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 77-81

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Da amizade como modo de vida**. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>. Acessado em 03/09/2013.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HARA, Tony. Além das palavras de ordem: a comunicação como diagnóstico da atualidade In: VEIGA-NETO, Alfredo e RAGO, Luzia Margareth (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 403-413 (Coleção Estudos Foucaultianos)

IONTA, Marilda. **As cores da amizade**: as cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer. In: VEIGA-NETO, Alfredo e RAGO, Luzia Margareth (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142 (Coleção Estudos Foucaultianos)

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Sinergia, Relume Dumará, 2009.

PELÚCIO, Larissa M. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2013.

RAJCHMAN, John. **Eros e verdade**: Lacan, Foucault e a questão ética. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

REZENDE, Cláudia Barcellos. **Os significados da amizade**: duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ROCHA, Rita Martins Godoy. **Entre o estranho e o afeto**: construção de sentidos sobre as relações de amizade entre travestis. Universidade Federal de Uberlândia –

(dissertação de mestrado em Psicologia): Uberlândia, 2011.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias**: não imagine que precise ser triste para ser militante. São Paulo: Intermeios Cultural, 2013.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. **As aparências enganam?** O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes – RJ (2010-2011). Universidade Estadual do Norte Fluminense (dissertação de mestrado em Sociologia Política): Campos dos Goytacazes/RJ, 2012.

SCOTT, Joan W. **A Invisibilidade da Experiência**. *Projeto História*, nº 16, São Paulo, 1998. p. 303-304.

SILVA, Hélio. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.